

corporações privadas. E também porque é sempre difícil medir algo tão difuso e volátil como esse tipo de experiência social”. Trata-se de projetos e atividades culturais já desenvolvidas por comunidades carentes e que, selecionadas através de edital público, passam a receber financiamento direto do MinC. Os dois editais já lançados somam quase 550 pontos em todo o país, que receberão cerca de R\$ 48 milhões em 2006.

REGULAÇÃO Por falta de recursos para financiar a cultura, cada vez mais o Estado cede espaço para as empresas – via leis de incentivo fiscal. O estudo do Ipea destaca, porém, que “tendo em vista o dinamismo e a autonomia dos mercados, indústrias e do campo de produção e circulação cultural, mais e mais se discute a necessidade de ações reguladoras, normativas e corretivas por parte do Estado”, afirma o Ipea.

Durand compara o campo da cultura com o da ciência e tecnologia: “imagine se o Ministério de Ciência e Tecnologia e o CNPq tivessem titulares tão ‘midiáticos’ quanto Gilberto Gil, e, do outro lado uma plêiade de notáveis acadêmicos, disputando recursos para pesquisa. Imagine também que o CNPq resolvesse restringir as verbas para pós-doutorado e ampliá-las para a iniciação à pesquisa e para o mestrado. E que os notáveis resolvessem desancar o ministro e que este, para se defender, dissesse que é preciso acabar com privilégios. Esse carnaval de acusações recíprocas não existe na esfera científica porque existem aí diretrizes razoavelmente claras entre o que é prioritário ou não, como se define qualidade, como se organiza uma carreira para assegurar que o recurso fornecido pelo governo tenha boas chances de sucesso”.

Carolina Cantarino

TEATRO

ESPAÇO DA CIÊNCIA CRESCE NO PALCO

A produção de ciência no país tem se fortalecido a cada ano e junto com ela o interesse público e o leque de alternativas que tratam do tema. Os palcos já receberam visitas esporádicas de encenações inspiradas na academia e seus personagens, mas a partir de abril até dezembro um dos mais tradicionais teatros da capital paulista, o Ruth Escobar, abrirá as portas para seis espetáculos do grupo Arte e Ciência no Palco e contará com a participação do português Teatro Trindade, criado e dirigido por Carlos Fragateiro, que iniciará um intercâmbio de experiências internacionais em solo brasileiro.

“A ciência está na ordem do dia, a sociedade já se deu conta de sua importância, das vantagens e riscos contidos no avanço tecnológico e começa a fazer perguntas, através dos vários meios de que dispõe”, afirma Carlos Palma, idealizador do grupo nacional. Mais do que entretenimento e ferramenta de ensino entre educadores, professores e alunos do ensino médio, o palco é visto como uma possibilidade de ampliar e cativar o público para os questionamentos, provocações e reflexões sobre assuntos científicos, que tocam a natureza humana e estão cada mais infiltrados nas preocupações sociais e econômicas.

A estréia em abril é com *Oxigênio*, peça que trabalha questões de ética e prioridade de autoria nas descobertas científicas. Foi o que ocorreu na primeira síntese



Carlos Palma protagoniza Einstein

se do oxigênio em laboratório por Carl Wilhelm Scheele (1742-1786), entre 1772 e 1773, mas cujos créditos foram, sobretudo, atribuídos a Joseph Priestley, mesmo tendo ele feito a mesma descoberta, independentemente, um ano depois. E se o exemplo do oxigênio nos parece distante, o caso do cientista coreano Woo Suk Hwang que fraudou os resultados de uma descoberta em 2005 é ilustrativo de que a discussão é atual. A corrida pela autoria de descobertas pioneiras como teria sido o caso do desenvolvimento de células-tronco embrionárias humanas facilitam o acesso de cientistas a financiamentos de pesquisa, garantem consultorias e expertise na área e podem significar até uma candidatura ao prêmio Nobel.

A partir de agosto o núcleo Arte e Ciência no Palco, idealizado por Palma em 1998, fará uma maratona a cada semana com seu repertório e, em novembro, será a vez da companhia portuguesa fazer o mesmo trabalho com suas produções inspiradas em temas científicos. “Nosso objetivo é fazer todas as conexões possíveis entre a racionalidade inerente da ciência e a subjetividade permanente da arte usando para isso a complexidade que o teatro oferece como forma de expressão”, explica.

Germana Barata